

LUÍS GUILHERME BINOTT PEDROZA OLIVEIRA

O que motiva a ação humana?

uma revisão narrativa de contribuições de A. N. Leontiev, L. S. Vigotski e
A. R. Luria

**Uberlândia
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

O que motiva a ação humana?

uma revisão narrativa de contribuições de A. N. Leontiev, L. S. Vigotski e A. R. Luria

LUÍS GUILHERME BINOTT PEDROZA OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ruben de Oliveira Nascimento

**UBERLÂNDIA – MG
2023**

LUÍS GUILHERME BINOTT PEDROZA OLIVEIRA

O que motiva a ação humana? uma revisão narrativa de contribuições de A. N. Leontiev, L. S. Vigotski e A. R. Luria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Ruben de Oliveira Nascimento

Banca Examinadora
Uberlândia, 25 de janeiro de 2022

Prof. Dr. Ruben de Oliveira Nascimento (Orientador)
Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Luciana Pereira de Lima
Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Nilson Berencheim Netto
Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia
2023

RESUMO

O que motiva a ação humana é um assunto que faz parte dos estudos da Psicologia. Mas, sua discussão é complexa e envolve diversos fatores e visões filosóficas e psicológicas para sua análise. Para refletir sobre esse assunto, adotou-se o ponto de vista materialista, histórico e dialético, da perspectiva da Psicologia da Atividade de A. N. Leontiev, para discutir o que a põe em movimento e qual o papel da necessidade nesse processo. Para analisar o assunto em foco, destacamos neste trabalho as categorias “motivo” e “necessidade”, examinando como elas são discutidas em textos de A. N. Leontiev, considerando também contribuições de L. S. Vigotski e A. R. Luria. Este trabalho é um estudo teórico, baseado em revisão narrativa da literatura. Os resultados obtidos indicaram que essas categorias vêm entrelaçadas com o conceito de funções psíquicas superiores, com a atividade e a vida social, e com explicações sobre o comportamento voluntário e a vontade humana, na obra dos autores pesquisados, cuja análise contribui para a compreensão do assunto em foco, segundo a abordagem psicológica adotada. Concluímos com este estudo que a vontade é determinada pela cultura, pelo objeto da necessidade e pela inserção social dos sujeitos, e que aquilo que põe o humano em movimento, ou o que motiva a sua ação, é construído na sua atividade social.

Palavras-chave: A. N. Leontiev; Motivo; Necessidade; Psicologia da Atividade.

ABSTRACT

What motivates human action is a subject that is part of the study of Psychology. But its discussion is complex and involves several factors and philosophical and psychological views for its analysis. To reflect on this subject, the materialist, historical and dialectical point of view was adopted, from the perspective of Psychology of Activity by A. N. Leontiev, to discuss what sets it in motion and what is the role of necessity in this process. In order to analyze the subject in focus, in this work we highlight the categories “motive” and “necessity”, examining how they are discussed in texts by A. N. Leontiev, also considering contributions by L. S. Vygotsky and A. R. Luria. This work is a theoretical study, based on a narrative review of the literature. The results obtained indicated that these categories are intertwined with the concept of superior psychic functions, with activity and social life, and with explanations about the voluntary behavior and human will, in the work of the researched authors, whose analysis contributes to the understanding of the subject in focus, according to the psychological approach adopted. We concluded with this study that the will is determined by the culture, by the object of need and the social insertion of the subjects, and that what puts the human in movement, or what motivates his action, is built in his social activity.

Keywords: A. N. Leontiev; Activity psychology; Need; Reason.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO	07
METODOLOGIA	07
CAPÍTULO 1 – Funções psíquicas superiores	08
CAPÍTULO 2 – Atividade consciente e vida social no desenvolvimento psíquico	10
CAPÍTULO 3 – A questão do comportamento voluntário	11
CAPÍTULO 4 – Motivo e necessidade	12
CAPÍTULO 5 – Gênero dos motivos	18
CAPÍTULO 6 – O conteúdo objetivo da atividade	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Partindo do interesse em discutir o que motiva a ação humana, e se algo *a priori* a incita ou a torna necessária, buscamos desenvolver essa questão tomando como base a obra psicológica de Alexis Nikolaevich Leontiev. Para tanto, optamos por analisar como aparecem as categorias “motivo” e “necessidade” na obra desse autor, envolvendo os conceitos de comportamento voluntário e funções psíquicas superiores, entre as quais a vontade, tal como apresentados também por Lev Semionovitch Vigotski e Alexander Romanovich Luria – ambos igualmente vanguardistas de uma psicologia materialista, histórica e dialética – que tornam possíveis a compreensão das categorias mencionadas.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso desenvolveremos teoricamente esse enfoque, examinando principalmente como A. N. Leontiev reproduz idealmente o movimento real no qual são estruturadas as necessidades e as motivações humanas, apropriando-se dos fundamentos da escola soviética e – na direção do método de Karl Marx para a elaboração de hipóteses – preserva a compreensão histórica da ciência na construção da teoria da atividade.

Para essa investigação, também se tornou necessária a revisão dos gêneros de motivos, que são descritos na obra de Leontiev, e como eles se relacionam entre si na elaboração de uma hierarquia de motivos no sujeito. Tendo em vista que o objetivo do escritor era analisar a atividade, a consciência e a personalidade, foi necessário um esforço no sentido de resgatar, no conjunto de suas publicações, como se desenvolveram especificamente ao longo dos textos os conceitos de “motivo” e “necessidade”, que dão subsídio para seu trabalho final, “Atividade. Consciência. Personalidade”, publicado em 1974.

OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

O objetivo geral deste trabalho é discutir o que motiva a ação humana, com base nas categorias “motivo” e “necessidade” na obra de A. N. Leontiev, incorporando também contribuições de L. S. Vigotski e A. R. Luria.

Os Objetivos específicos são: a) compreender como as categorias “motivo” e “necessidade” são discutidas na obra de A. N. Leontiev, para refletir sobre o que motiva a ação humana; b) analisar como o conceito de funções psíquicas superiores, comportamento voluntário e atividade se entrelaçam na explicação dessas categorias, segundo os autores estudados; c) identificar essas categorias na atividade humana.

METODOLOGIA:

Este trabalho é uma revisão narrativa de literatura sobre o assunto abordado. De acordo com Casarin et al. (2020, p. 1), a revisão narrativa é uma forma não sistematizada de revisar a literatura buscando-se compreender um determinado assunto específico ou como método para se abordar um tema de forma livre (segundo a análise do autor), do ponto de vista teórico ou contextual, e sem a necessidade de um rigor metodológico.

A “revisão narrativa” não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos. (Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2015, p. 2).

Para o desenvolvimento da análise dos textos envolvidos neste estudo, optamos por destacar os termos “motivo” e “necessidade” como ancoras de análise para discussão do tema em questão.

CAPÍTULO 1

Funções Psíquicas Superiores

No início do século XX, as concepções que buscavam explicar as funções psíquicas superiores a partir dos processos naturais ganharam força, explicações que, diga-se de passagem, vigoram ainda hoje. Isto é, teorias que ao retirarem as leis do desenvolvimento cultural da equação, reduziram as explicações das funções superiores aos seus processos mais elementares, naturalizando o que é histórico e eternizando o que é natural.

Há ainda outro procedimento comumente operado: a decomposição das funções superiores em seus elementos constitutivos, isto é, tomando como base que a soma das partes é igual ao todo, a unidade é reduzida às suas funções em separado, não capturando as relações entre elas e os seus respectivos nexos, o que implica em retirar do cálculo a apreensão das transformações na estrutura interfuncional ao longo do desenvolvimento social do sujeito, ou ainda, naturalizar seu processo de socialização.

Em “Paidología del Adolescente” (1929), L. S. Vygotski (2006) desenvolve a ideia de que essas funções formam unidades complexas denominadas de neoformações. Vale marcar que em períodos distintos do desenvolvimento da criança ao adulto há a predominância de uma das funções sobre as demais, direcionando-as.

Segundo Vygotski (1995), a distinção entre funções psíquicas elementares e as funções psíquicas superiores reside no fato de que estas últimas se originam na cultura ao longo do desenvolvimento social. A personalidade é a expressão de um processo que ocorre em determinadas circunstâncias e possibilidades de apropriação das relações sociais e dos conhecimentos construídos historicamente, erigindo funções psíquicas superiores como pensamento abstrato, raciocínio lógico-formal, autoconsciência, planejamento, entre outras funções. Nas palavras do autor:

Todas las funciones psíquicas superiores son relaciones interiorizadas de orden social, son el fundamento de la estructura social de la personalidad. Su composición, estructura genética y modo de acción, en una palabra, toda su naturaleza es social; incluso al convertirse en procesos psíquicos sigue siendo cuasi-social. El hombre, incluso a solas consigo mismo, conserva funciones de comunicación. (VYGOTSKI, 1995a, p. 151).

As formas culturais de organização do comportamento formatam os processos neurofisiológicos e a partir da consolidação da linguagem desenvolvem as funções psíquicas superiores. Nesse sentido, o organismo é compreendido como uma rede complexa de sistemas integrados, de funções distintas que funcionam simultaneamente, estabelecendo uma ligação interfuncional socialmente determinada.

Para Vygotski (1995a), as funções psíquicas superiores assumem uma forma dúplice: intersíquica nas atividades coletivas e intrapsíquica como faculdade interna do psiquismo. O autor afirma taxativamente que toda função superior interna foi antes externa (social):

Podemos formular la ley genética general del desarrollo cultural del siguiente modo: toda función en el desarrollo cultural del niño aparece escena dos veces, en dos planos: primero en el plano social y después en el psicológico, al principio entre los hombres como categoría intersíquica y luego en el interior del niño como categoría intrapsíquica. Lo dicho se refiere por igual a la atención voluntaria, a la memoria lógica, a la formación de conceptos y al desarrollo de la voluntad. Tenemos pleno derecho a considerar la tesis expuesta como una ley, pero el paso, naturalmente, de lo externo a lo interno, modifica el propio proceso, transforma su estructura y funciones. Detrás de todas las funciones superiores y sus relaciones se encuentran genéticamente las relaciones sociales, las auténticas relaciones humanas. (VYGOTSKY, 1995a, p. 150).

De acordo com Vygotski (1995a), a partir de determinado momento do desenvolvimento infantil, a criança passa a aplicar sobre si as formas comportamentais aplicadas a ela, isto é, ela internaliza as formas culturais de conduta na sua estrutura de personalidade através da mediação social. O significado da palavra é, nesse sentido, a expressão dinâmica da relação histórica entre pensamento e linguagem no interior de determinadas relações sociais, ou seja, ele desenvolve o conteúdo objetivo do psiquismo, transformando-se em instrumento de influência do sujeito sobre si e sobre os outros. Nas palavras do autor:

Cabe decir, por lo tanto, que pasamos a ser nosotros mismos a través de otros; esta regla no se refiere unicamente a la personalidad en su conjunto sino a la historia de cada función aislada. En ello radica la esencia del proceso del desarrollo cultural expresado en forma puramente lógica. La personalidad viene a ser para sí lo que es en sí, a través de lo que significa los demás. Este es el proceso de formación de la personalidad. (VYGOTSKI, 1995a, p. 149).

Além disso, o fato de as funções psíquicas superiores desenvolverem-se no interior de uma determinada cultura ressalta a importância da vida social, e da atividade

consciente, em seu processo. Essas questões estão implicadas na análise do problema do que move a ação humana. Para isso, é preciso também considerar a atividade consciente gerada nas condições de vida social e real da humanidade, e no desenvolvimento psíquico.

CAPÍTULO 2

Atividade consciente e vida social no desenvolvimento psíquico

De acordo com Leontiev em “Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo” (2004, p. 146):

Uma psicologia que ignorasse que as particularidades do psiquismo humano dependem do caráter geral da consciência, ele próprio determinado pelas condições da vida real do homem, acabaria inevitavelmente por negar a natureza histórica dos traços psicológicos. (...) Por este fato, inverte todos os elementos: para ela, o determinado é o determinante, a consequência é a causa. Acaba mesmo por encontrar os motivos da atividade humana nos sentimentos subjetivos, nos sentimentos e emoções do interesse ou do desejo. Prosseguindo sua análise nesta direção, acaba por encontrar a fonte destes sentimentos nas emoções e desejos inatos do homem, isto é, nas particularidades dos seus instintos. A via aberta pela análise histórica mostra que, pelo contrário, as propriedades do psiquismo humano são determinadas pelas relações reais do homem com o mundo, relações que dependem das condições históricas objetivas da sua vida. São estas relações que criam as particularidades estruturais da consciência humana, e que por ela são refletidas. Assim se caracteriza o psiquismo humano na sua verdadeira essência social.

Luria (1991), no livro “Curso de Psicologia Geral”, aponta que o desenvolvimento da atividade consciente humana emergiu como produto das relações sociais de trabalho uma vez que o trabalho é a atividade fundamental com ação previamente idealizada.

Outro aspecto importante é a linguagem. Nesse mesmo livro, Luria (1991) discute que o surgimento da linguagem implicou em pelo menos outras três mudanças essenciais na atividade consciente: a) a linguagem descreve os objetos do mundo na medida em que diferencia-os entre si, isto é, ela possibilitou que focalizássemos nossa atenção sobre um determinado objeto e armazenar suas características na memória, desse modo, duplicando o mundo sensível e permitindo que retornemos aos objetos que não estão mais presentes fisicamente; b) as palavras abstraem o objeto e transforma suas propriedades em categorias gerais ou conceitos, ou seja, viabilizam a generalização da realidade, possibilitando a transmissão do conhecimento histórico através das gerações humanas; c) por último, mas nem um pouco menos importante, a palavra é uma ferramenta do

pensamento e o meio de transmissão capaz de associar as informações do objeto à sua função social.

Em suma, com o desenvolvimento da linguagem, o humano adquiriu a possibilidade de duplicar a sua experiência vivida em particular e assimilar a experiência geral de outras pessoas à sua própria, de modo que passamos a operar reflexões mesmo na ausência do objeto. Além disso, nas palavras de Luria (2001, p. 42, grifos do autor),

a estrutura da palavra é complexa. A palavra possui uma **referência objetiva**, ou seja, designa um objeto evocando todo um “campo semântico”, possui a função de “significado” determinado, separa os traços, generaliza-os e analisa o objeto, o introduz em uma determinada categoria e transmite a experiência da humanidade. A palavra permite ao homem sair dos limites da percepção imediata, propiciando **o salto do sensível ao racional** que constitui a característica essencial da consciência humana.

A fala é um exemplo, uma vez que inicialmente surge como um processo intersíquico em que as crianças imitam os atos das pessoas ao seu redor no contato com os objetos. Com isso, consolida, pela diversificação crescente de significados reproduzidos e objetos manipulados, um arsenal simbólico que desenvolve as condições internas da criança. Uma vez que a fala transforma-se em um processo intrapsíquico, a criança passa a organizar o seu próprio comportamento em direção à forma de conduta culturalmente esperada para sua posição nas relações sociais, implicando na reestruturação de sua atividade e de toda sua estrutura psíquica.

CAPÍTULO 3

A questão do comportamento voluntário

Nos capítulos anteriores analisamos, do ponto de vista da teoria histórico-cultural, as funções psíquicas superiores, a influência da cultura e da vida social em seu desenvolvimento, e a atividade consciente. Partindo dessas discussões, colocaremos o foco na questão do comportamento voluntário, que vemos como uma espécie de ponte para avançarmos no estudo do motivo e das necessidades humanas.

A partir de pesquisas com o método motor combinado, Luria (1932), em uma obra publicada nos Estados Unidos, em 1932, intitulada “The nature of human conflicts: or emotion, conflict and will”, aponta que por meio da linguagem o sistema receptivo do

adulto se isola relativamente da área motora, o que faz com que um estímulo na primeira área tenha a possibilidade de não ser transmitido diretamente à segunda na forma de resposta mecânica, isto é, há no adulto uma relativa divisão em dois grupos de atividades. Há uma **barreira funcional** projetada pela linguagem entre uma área e outra, que não está desenvolvida nas crianças, por isso, elas tendem a descarregar diretamente a excitação e a transferir os estímulos em respostas motoras imediatas.

Esta compreensão inicial acerca da barreira funcional será posteriormente desenvolvida e transformada em cooperação com Vigotski, após ele realizar críticas à obra anterior de Luria. O novo entendimento apareceu no texto conjunto dos autores denominado “O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança”, de 2007, onde a nova compreensão aparecerá como **controle voluntário do comportamento**. Nesse texto, os autores discutem que no desenvolvimento inicial da criança sua percepção e seus movimentos estão intimamente relacionados, constituindo um processo psicofísico único em que as estruturas sensório-motoras estão imbricadas.

Ao longo do desenvolvimento, na medida em que a criança incorpora o conjunto de significados das palavras culturalmente disponíveis, a relação entre sua percepção e movimento se altera, uma vez que eles cumprem a função de qualificadores do processo psicofísico inicial no desenvolvimento de novas relações estruturais, isto é, rompem a fusão inicial entre área perceptiva e área motora, criando a possibilidade de o sujeito superar a impulsividade ao prever as consequências da ação.

Desse modo, o domínio da própria conduta faz emergir a ação voluntária – caracteristicamente humana – que, conseqüente a expansão do universo simbólico, amplia também o campo psíquico que remete ao futuro. Isto possibilita a ação independente da situação imediata, ou seja, o pensamento verbal atua sobre o ato motor. **O significado da palavra**, portanto, apresenta-se como mediador no conjunto de nossas ações e reações no mundo social, sendo **comum ao desenvolvimento geral das funções superiores**.

Mas, como o comportamento voluntário se torna a orientação da própria conduta? Abordaremos essa difícil questão colocando o foco nos motivos da ação, e necessidades, que levam o indivíduo a agir voluntariamente sobre a realidade, que também o constitui. Esses assuntos, fatores centrais deste estudo, serão discutidos a seguir.

CAPÍTULO 4

Motivo e Necessidade

Para Vigotski, não existe algo que determine a ação humana *a priori*, conclusão expressa claramente pelo autor no texto “O significado histórico da crise da psicologia”. Portanto, defende que **o motivo da ação humana é constituído a partir de sua atividade social no interior de relações sociais historicamente determinadas**. Aita e Tuleski (2014) recuperam o seguinte:

Lewin conclui que, em situações sem sentido, o indivíduo busca um ponto de apoio externo através do qual determina o próprio comportamento. Por exemplo, em um dos experimentos de Lewin, o experimentador demorava muito para retornar à sala de experimentação e a pessoa que realizava a prova ficava sozinha. O experimentador ficava observando, em outra sala, através do espelho, a reação do experimentando. Após um longo tempo, a pessoa ficava indecisa e vacilante, sem saber se deveria ir embora ou esperar. De forma geral, as pessoas reagiam de diferentes maneiras a esta situação, mas foi possível observar um traço comum entre todas estas reações: todas as pessoas buscavam um ponto de apoio externo para tomar sua decisão. Para exemplificar, Vigotski cita que uma das pessoas que foram submetidas ao experimento decidiu que iria embora quando o ponteiro do relógio chegasse a um determinado horário. No momento em que isso aconteceu, ela levantou-se e foi embora, quase automaticamente. Isto demonstra que em casos como esse, com o auxílio de mediadores externos, a pessoa cria sentido em uma ação que antes não tinha sentido. (AITA; TULESKI, 2014, p. 74).

A escolha é entendida aqui como um processo que se desenrola em duas etapas, primeiro a reflexão sobre a decisão em si e depois a objetivação dela mediante uma situação disparadora. Inclusive, não é incomum que quando há um certo espaço de tempo entre um e outro, nós nos esqueçamos da decisão tomada:

la lucha de lo motivos se desplaza en el tiempo: se traslada a un momento más inicial. La pugna de los motivos suele tener lugar mucho antes de que se produzca la situación donde es preciso actuar. Por regla general, la lucha de los motivos y la decisión relacionada con ella sólo son posibles si preceden temporalmente a la lucha de los estímulos ya que, en caso contrario, la lucha de los motivos se convierte simplemente en la lucha por el campo motor general. (VYGOTSKI, 1995b, p. 296).

Em sentido semelhante, a partir da teoria da atividade, Leontiev (2014) afirma que o **motivo** é o que direciona a **atividade** a um determinado **objetivo**, que é dado pelas circunstâncias da vida e as particularidades psicológicas do sujeito. Para melhor compreender a estrutura da atividade, ele a decompõe em componentes denominados **ações**, que estão conscientemente subordinadas ao **objetivo**. Isto é, **as ações são movidas pelo motivo e direcionadas por um objetivo de tal modo que uma mesma ação pode**

compor diferentes atividades, ou ainda, o motivo pode ser desdobrado em objetivos distintos e implicar em outras ações.

As atividades de um indivíduo não se somam simplesmente uma após a outra na conjunção de um somatório, além disso, estabelecem entre si uma hierarquia de atividades centrais e atividades subordinadas em um processo complexo de desenvolvimento. Uma vez que toda atividade é dirigida por um motivo, a relação entre as atividades expressa a relação entre motivos. Para a análise psicológica, segundo Leontiev (2014), é fundamental examinar essa relação entre motivos e necessidades do sujeito, uma vez que a transição da atividade para o nível psicológico consiste na conexão ativa das necessidades com os objetos que as satisfazem.

Nas formas mais simples da busca por elementos indispensáveis à vida, a excitabilidade aumenta em função de influências diretas e incondicionadas que por si mesmas não dirigem o estado do organismo na direção necessária. Por exemplo, a influência do alimento desconhecido sobre o organismo. Nas formas mais complexas, a necessidade está conectada com influências diretas e determinadas que desempenham a função de sinal. Por exemplo, a excitação proveniente do cheiro ou da visão da comida já experimentada sobre um organismo faminto.

Independente de qual tipo seja, o traço principal de toda necessidade, segundo Leontiev no texto “As necessidades e os motivos da atividade”, de 1961, é que ela possui um objetivo, necessidade de algo ou do resultado de uma atividade. Não é possível apresentar uma necessidade sem seu conteúdo, pois, as necessidades diferenciam-se exatamente em relação àquilo que necessita para satisfazê-las: necessidade de alimentação, de respiração, de hidratação, de movimentação etc.

O segundo traço principal das necessidades reside no fato de que elas só adquirem seu conteúdo concreto mediante as condições e o modo como são satisfeitas, uma vez que internamente o estado de necessidade do organismo apenas determina a indispensabilidade de sua eliminação, mas a sua forma concreta de se manifestar depende das condições externas que permitem satisfazer essa necessidade na prática.

Consequentemente, a necessidade é seguida de atividade unicamente se os objetos adequados estiverem disponíveis para satisfazê-la. Segundo Leontiev (1961, p. 4, grifo do autor:

Por exemplo, a fome caracteriza-se por excitações internas determinadas que criam uma atitude seletiva do organismo para certas influências externas; no

entanto, essas excitações internas não podem motivar nenhuma conduta que tenha por objeto satisfazer a necessidade existente. Para isso, é necessário que atue sobre o animal o *objeto da necessidade* (o alimento), que resulta ser o *estímulo da atividade*.

O terceiro traço principal das necessidades é que uma necessidade em específico pode se repetir, sendo uma condição importante para sua forma e desenvolvimento, uma vez que é a repetição que enriquece o conteúdo da própria necessidade. Nesse sentido, o quarto traço principal das necessidades consiste em que elas se desenvolvem paralelamente à ampliação do círculo de objetos e meios de sua satisfação.

Em suma, o sujeito na condição de necessidade não tem clareza do objeto que a satisfaz até o momento em que a satisfaça pela primeira vez, a necessidade não revela seu objeto *a priori*, apenas o consumo revela o objeto de satisfação e dá contornos objetivos para a necessidade na medida em que o objeto consumido adquire função provocativa e diretiva da atividade. De modo distinto das necessidades nos animais, que dependem simplesmente de uma ampliação da quantidade de objetos naturais consumidos, as necessidades humanas não dependem somente dos objetos já disponíveis, mas do modo como são **produzidas novas necessidades** e do **modo como são satisfeitas**.

Leontiev (1961) ressalta que existem dois tipos relativamente diferentes de necessidades humanas superiores: as necessidades materiais superiores, que consistem na necessidade de consumo dos objetos materiais gerados pela produção social que são postos em prática (instrumentos para trabalho etc.) e as necessidades espirituais, que envolvem o consumo de objetos ideais (arte, conhecimento, cultura, estética). A diferença pode ser sutil, uma vez que para satisfazer necessidades espirituais pressupõe-se determinadas condições materiais e, por outro lado, necessidades do tipo material como a necessidade de se vestir pode pressupor necessidades de tipo social ou estético.

Na medida em que novas necessidades são produzidas pelo desenvolvimento da própria produção, é possível deduzir que a atividade produtiva exige o consumo para criar novas necessidades. Em outras palavras, a atividade produtiva socialmente necessária induz necessidades, que produzem novas atividades. O consumo, por sua vez, passa a ser mediado pela necessidade de um objeto percebido ou imaginado, tornando-se neste caso um motivo ideal gerado internamente.

Em síntese, segundo Leontiev (2014, p. 105):

A posição de que as necessidades humanas são produzidas tem, naturalmente, um sentido materialista histórico. Além disso, é extremamente importante para a

psicologia. Isso deve ser enfatizado porque algumas vezes, especialmente para a psicologia, a abordagem do problema só é considerada em explicações que se originam a partir das próprias necessidades, mais precisamente experiências emocionais que as necessidades provocam, que parece explicar porque o homem põe objetivos diante de si mesmo e cria novos objetos. Naturalmente, existe alguma verdade nisso, e seria possível concordar com isso se não fosse por uma condição: afinal, como determinantes da atividade concreta, as necessidades podem aparecer somente em seu conteúdo objetivo, e este conteúdo não está incorporado diretamente nelas, e conseqüentemente não podem ser isolados delas.

Nesse sentido, é possível afirmar que há uma transformação e um enriquecimento objetivo das necessidades humanas, o ser humano também sente fome, uma necessidade vital para a sobrevivência homóloga aos animais, no entanto, ela coexiste com outras necessidades determinadas socialmente, a necessidade em si não pode ser isolada das condições objetivas e dos meios de satisfação que a transforma. De acordo com Marx (2011, p. 41):

A isso corresponde, do lado da produção, que ela 1) fornece ao consumo o material, o objeto. Um consumo sem objeto não é consumo; portanto, sob esse aspecto, a produção cria, produz o consumo. 2), mas não é somente o objeto que a produção cria para o consumo. Ela também dá ao consumo sua determinabilidade, seu caráter, seu fim. Assim como o consumo deu ao produto seu fim como produto, a produção dá o fim do consumo. Primeiro, o objeto não é um objeto em geral, mas um objeto determinado que deve ser consumido de um modo determinado, por sua vez mediado pela própria produção. Fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente. Por essa razão, não é somente o objeto do consumo que é produzido pela produção, mas também o modo do consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores. 3) A produção não apenas fornece à necessidade um material, mas também uma necessidade ao material. O próprio consumo, quando sai de sua rudeza e imediatividade originais – e a permanência nessa fase seria ela própria o resultado de uma produção aprisionada na rudeza natural –, é mediado, enquanto impulso, pelo objeto. A necessidade que o consumo sente do objeto é criada pela própria percepção do objeto. O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza. A produção, por conseguinte, produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. Logo, a produção produz o consumo, na medida em que 1) cria o material para o consumo; 2) determina o modo do consumo; 3) gera como necessidade no consumidor os produtos por ela própria postos primeiramente como objetos. Produz, assim, o objeto do consumo, o modo do consumo e o impulso do consumo. Da mesma forma, o consumo produz a disposição do produtor, na medida em que o solicita como necessidade que determina a finalidade.

Se no curso geral da história a ação humana começa com a intenção de satisfazer necessidades vitais elementares, com o desenvolvimento de seu conteúdo objetivo o ser humano passou a satisfazer suas necessidades vitais para poder agir.

Na vida de um indivíduo concreto, mesmo que suas necessidades particulares dependam de suas condições pessoais de vida, o que é fundamental para a análise psicológica, essas próprias condições são determinadas pelas relações sociais e o lugar ocupado pelo indivíduo dentro desse sistema. Subjetivamente, essas necessidades se manifestam para ele como desejos e tendências. No entanto, conforme mencionado anteriormente, para que a necessidade se manifeste em forma de desejo é necessário que exista um objetivo que estimule a ação e dirija-a concretamente ao fim. Esses objetivos que estimulam a ação podem aparecer como imagens, representações de pensamentos, conceitos e ideias morais.

O motivo da atividade é aquilo que excita o humano a agir e dirige a ação no sentido da satisfação da necessidade. Leontiev (1961) recupera um exemplo concreto, simples:

Um dia, com um tempo muito ruim, um excursionista que sente muito frio tem necessidade de aquecer-se. Ele sente que tem frio e quer se esquentar. Olha ao seu redor, mas não vê nenhum lugar habitado e continua andando para adiante. De repente, vê uma fogueira um pouco separada do caminho. Então, o calor da fogueira, que ele pensa poder esquentar seu corpo, incita-lhe a interromper seu caminho (é como se a fogueira o movesse) e torna-se o motivo de sua conduta. O viajante, então, dirige-se para a fogueira. (LEONTIEV, 1961, p. 7).

Isto é, o motivo refletiu-se na consciência sob a forma de imagem sensorial associada à representação da fogueira, e estimulou uma ação isolada que correspondeu a esse objeto e a realizou. O autor também afirma que nos casos mais complexos, isso não acontece porque os motivos não correspondem diretamente com os fins da ação isolada, exigindo várias ações intermediárias com fins parciais, algumas vezes prologando-se por meses ou anos.

Por exemplo, suprir a necessidade de adquirir formação em um determinado ramo da ciência pressupõe que o indivíduo será colocado à prova em diversos momentos e precisará se preparar para executar bem essas tarefas dentro do tempo. Cada exame implicará em ações intermediárias necessárias para se alcançar o fim parcial, que é passar na prova, no entanto, todos os fins parciais ou todas as provas a serem realizadas estão subordinadas ao motivo geral, que é a formatura. Nesse caso, já não é possível assimilar diretamente os objetivos das ações parciais com os motivos parciais, isto é, o que se obtém

com cada ação isolada não corresponde diretamente com o que se consegue com cada fim em particular, por isso é necessário estabelecer a diferença entre os motivos e os fins da ação.

Saber o que motiva a atividade é importante uma vez que o significado psicológico de uma ação depende do sentido que ela tem para o sujeito, de seu motivo, mas nem sempre o indivíduo tem consciência dos motivos que dirigem suas ações. Trazer à consciência os motivos da ação permite que o sujeito possa ver as coisas de outra maneira e modificar sua conduta, valorizando atos e mudando a influência de motivos determinados.

Assim como se dá com as necessidades, os motivos também se dividem em duas categorias: naturais e superiores que, por sua vez, subdividem-se em materiais e espirituais. Os motivos podem assumir a forma de conceito, pensamento, ideal, imagem etc. Independente da forma, devem existir condições que possibilitem ao sujeito planejar o fim e atuar sobre ele para que se efetive o motivo. Quando essas condições não são satisfeitas, o resultado será apenas uma reorientação no meio que, algumas vezes, origina não mais do que uma atividade imaginativa em forma de ilusão, portanto, é possível observar que Leontiev (1961) descreve tanto motivos eficazes quanto motivos ineficazes, a depender de determinadas condições.

A título de exemplo, Leontiev (1961) ilustra:

A impressão recebida no teatro motiva em uma garota o desejo de tornar-se artista, mas sua atividade real continua sendo a anterior; assim como antes, continua indo à escola, a patinar, a reunir-se com suas amigas etc. Quando estuda, pratica esporte, trabalha ou diverte-se, sua atividade não está relacionada com o novo motivo que apareceu nela, o qual se manifesta unicamente na atenção dada a tudo aquilo que está relacionado direta ou indiretamente com o teatro e no qual algumas vezes imaginam-se seus êxitos futuros na atividade teatral. Ao mesmo tempo, não se pode dizer que o interesse que se formou não tenha nenhuma influência real e que as ilusões nascidas desse motivo não tenham nenhuma significação. Pode ser que chegue um dia em que seu interesse lhe conduza ao círculo dramático, e as ilusões que mantêm sua predileção para a cena exijam que se ocupe seriamente da arte teatral. Mas pode ter um resultado diferente: pode apagar-se o motivo antes que a garota tenha a possibilidade de planejar. (LEONTIEV, 1961, p. 9).

CAPÍTULO 5

Gêneros dos motivos

Ao analisarmos uma atividade em específico, como a de estudo – que é definida como um caminho no qual os estudantes através de aulas ou leituras se apropriam, ativamente, do conhecimento humano historicamente sistematizado –, é possível notar que existem dois gêneros de motivos: um que é geral, cujo fim está em adquirir conhecimento, preparar-se para uma profissão; outro que é particular e se dá em função de premiação, evitar castigo etc. O motivo da atividade de estudo de gênero geral é mais consistente no tempo, depende pouco de situações fortuitas. Mas o motivo de gênero particular pode perdurar pouco tempo e segundo determinadas circunstâncias desaparecer. Quando unidos, estruturam um sistema no qual possuem papéis distintos: os motivos gerais dotam a atividade de sentido vital e os motivos particulares estimulam as ações imediatas, isto é, a perspectiva de formação futura sustenta as jornadas de estudo diárias.

Nem sempre isso basta para produzir a atividade de estudo, entrando em cena outros motivos-estímulo que podem cumprir uma função complementar que não altera o sentido da atividade, mas estimula o indivíduo a realizá-la. Por outro lado, Leontiev (1961) enfatiza que quando uma atividade carece de motivo geral, os motivos que geram estímulo não são capazes de criar movimento e a atividade se torna um peso para o sujeito.

Desse modo, a análise psicológica das necessidades retorna como análise dos motivos concretos da atividade. Além disso, a atividade humana se tornou multimotivacional, realizando sempre um conjunto de relações sociais voltadas ao coletivo e a si mesmo. Por exemplo, o trabalho assalariado é socialmente motivado, mas também pode ser conduzido, simultaneamente, pela motivação da recompensa material individual.

Em função desse caráter dúplice da atividade, Leontiev (2014) aponta que alguns motivos podem conferir a ela sentido pessoal (motivos formadores de sentido) e que podem coexistir com motivos-estímulos (positivos ou negativos). Ao se observar atividades dotadas de importante sentido pessoal é possível perceber que um estímulo negativo eliciado não o altera por causa disso. Inclusive, muitas vezes cai rapidamente em descrédito. As relações entre os motivos e sua hierarquia são determinadas pelas conexões que a atividade do sujeito realiza. Em uma atividade um dado motivo pode formar sentido, em outra, cumprir a função de estímulo.

No que diz respeito ao conteúdo objetivo dos motivos, ele sempre se apresenta e é percebido, independente se o objeto estimula ou dificulta a ação. Segundo Leontiev (2014, p. 111):

O paradoxo reside em que os motivos são revelados para a consciência somente objetivamente por meios de análise da atividade e sua dinâmica. Subjetivamente, eles aparecem somente em sua expressão oblíqua, na forma de experimentar vontades, desejos ou se esforçar em direção a um objetivo. Quando um ou outro objetivo aparece diante de mim, então eu não apenas o reconheço, apresento suas condicionalidades objetivas para mim mesmo, os meios de sua realização e os resultados eventuais a que eles levam, mas eu quero alcançá-lo (ou, pelo contrário, ele pode me repelir). Essas experiências diretas preenchem o papel dos signos internos por meios dos quais os processos são regulados ao longo de serem realizados. Subjetivamente, expressando si mesmo nesses signos internos, o motivo não é diretamente contido por eles. Isso cria a impressão de que eles surgem endogenamente e que eles são a força que move o comportamento.

A personalidade vai ganhando forma na medida em que relações hierárquicas entre os motivos são estabelecidas no indivíduo, hierarquia essa que pressupõe, conforme discutido anteriormente, uma transformação dos próprios motivos e do sistema de atividade do sujeito. Segundo Leontiev (2014), **o processo de formação da personalidade pode, portanto, ser representado a partir do desenvolvimento da vontade, isto é, a vontade não origina a personalidade, mas é a expressão subjetiva de motivos determinados e da personalidade.** A base real que estrutura a personalidade é o sistema de atividade do sujeito em determinado estágio de desenvolvimento de suas relações com o mundo.

Essas relações hierárquicas são estabelecidas no movimento, dirigido pela atividade do sujeito no interior das relações sociais, de correlacionar verticalmente os motivos entre si. Isto é, quanto mais se complexifica a atividade no mundo, maior a quantidade de novos motivos, podendo ser contraditórios uns com os outros. A possibilidade de contradição entre eles na atividade implica a necessidade de um direcionamento que, por sua vez, é ordenado pela consciência ao correlacioná-los entre si e elencar motivos mais gerais e motivos subordinados.

Este é um movimento constante e a subordinação de determinados motivos pode levá-los a perder a sua função de formar sentido, implicando, ocasionalmente, em quebras morais. O movimento desse sistema em formação expressa a composição da estrutura de sentidos pessoais, e a personalidade. A constituição dessa hierarquia fica claramente expressa quando observamos na vida do sujeito seu **motivo vital**, que é a base da organização psicológica e da justificativa de sua existência. No entanto, para Leontiev (2014) a formação desse motivo vital não é espontânea, mas depende da reflexão interna

dos significados, sentidos e conceitos incorporados pelo próprio indivíduo ao longo de sua vida.

CAPÍTULO 6

O Conteúdo Objetivo da Atividade

Com base nos autores citados, vemos que o conteúdo objetivo da atividade desenvolve o reflexo psíquico que, por sua vez, regula a atividade no ambiente prático. Esse desenvolvimento mútuo que caracteriza a circularidade dos processos de interação do organismo com o ambiente deixa passar desapercibido justamente esse fato de que o reflexo psíquico dos objetos é produzido através das relações que o indivíduo é levado a estabelecer com eles concretamente em suas particularidades independentes.

Desse modo, ao se preservar a natureza histórica e material da ideia não se perde na análise a primazia que o objeto possui no direcionamento da atividade, por consequência, entendemos que a imagem desse objeto enquanto produto subjetivo direcionará o processo apenas *a posteriori*. Assim, as necessidades apenas dirigem a atividade em condições que são objetos. Reforçamos que a objetividade da atividade determina o caráter objetivo tanto das imagens quanto das necessidades. No entanto, para o sujeito, o objeto aparece em cena satisfazendo uma ou outra de suas necessidades, direcionando sua atividade de tal forma que o conteúdo objetivo se esconde em imagens e sensações subjetivas. Segundo Leontiev (2014), por trás da atividade sempre existe uma necessidade a ser satisfeita.

Além disso, atividades distintas diferenciam-se entre si segundo um conjunto de características próprias de cada tipo concreto: a forma, o método, a quantidade de dispêndio de energia, a biomecânica etc. No entanto, é seu objeto quem dá a ela essa direção específica e distingue essencialmente tipos concretos de atividades diferentes. O objeto da atividade também é seu verdadeiro motivo, ideal ou material. Ao se tornar motivo, o objeto mantém a sua função de excitação das ações que efetuam a atividade subordinada a um objetivo particular, o qual pode ser isolado do objetivo geral. Isto é, tanto uma ação pode ter motivos diferentes, realizando atividades distintas, quanto um mesmo motivo pode provocar ações diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão narrativa, evidenciamos com o presente trabalho que, desde o desenvolvimento das funções psíquicas na vida social e na cultura, a atividade não é uma simples extensão do sujeito físico, mas uma unidade de vida com estrutura própria e essencialmente objetiva.

As propriedades do psiquismo humano desenvolvidas na vida social e cultural, nas relações humanas, dependem das condições históricas objetivas da vida real, que criam as particularidades da consciência humana, caracterizando o psiquismo humano como essencialmente social, inseridos também nessa questão, o trabalho humano e a linguagem.

No que diz respeito à vontade, ela não é algo místico ou espiritual, mas é também desenvolvida no seio das relações sociais. Isso quer dizer que passamos a ser nós mesmos através das pessoas e objetos que nos relacionamos em determinados contextos, ou seja, nossa **vontade opera em conformidade com as particularidades específicas do objeto da necessidade e das condições de existência histórica do sujeito**, a singularidade do indivíduo se constrói na universalidade do gênero humano – que se apresenta em condições particulares. Assim, é possível afirmar que a vontade é, ao mesmo tempo, universal, particular e singular.

Esse é um fator importante porque nutre o sujeito de condições para conscientizar e direcionar aquilo que o motiva em sua atividade social no sentido do desenvolvimento humano-genérico. Partindo do pressuposto de Leontiev (2004) de que toda atividade tem um motivo – mesmo que o sujeito não tenha consciência de qual – o processo de apropriação dele consiste em extrair significações sociais da atividade, tornando-as conscientes e subsídio para a organização de uma hierarquia de motivos, o que só é possível na medida em que o sujeito age sobre o mundo objetivo, incitando reflexões internas que afetam sua consciência. O indivíduo, ao organizar seus motivos hierarquicamente com maior grau de clareza de suas prioridades, possui mais disposição e maior domínio de sua atividade, dotando-a de sentido pessoal, uma vez que a ação involuntária é impessoal.

Assim, concluímos que aquilo põe o humano em movimento, o que motiva a sua ação, é construído na sua atividade social.

REFERÊNCIAS:

AITA, E. B.; TULESKI, S. C. O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski: primeiras aproximações. *Fractal – Revista de Psicologia*, n. 2, v. 33, p. 62-71, 2014.

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. **Tipos de Revisão de Literatura**. Faculdade de Ciências Agrônomas, UNESP, campus de Botucatu, 2015. <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>

CASARIN, S. T.; PORTO, A. R.; GABATZ, R. I. B.; BONOW, C. A.; RIBEIRO, J. P.; MOTA, M. S. Tipos de revisão de literatura. Editorial. *Journal of Nursing and Health*, Faculdade de Enfermagem – UFPel, v. 10, n. espec., p. 1-7. 2020.

DUARTE, N. **Significado e Sentido em Leontiev**. 20005. Disponível em: https://www.academia.edu/43108454/Significado_e_Sentido_em_Leontiev_Newton_Duarte_2005

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEONTIEV, A. N. **As necessidades e os motivos da atividade**. 1961. Disponível em: Marxists Internet Archive [<http://www.marxists.org/>]

LEONTIEV, A. N. **Atividade. Consciência. Personalidade**. 2014. Disponível em: Marxists Internet Archive [<http://www.marxists.org/>]

LEONTIEV, A. N. **Atividade e consciência**. 1972. Publicado em russo na revista *Voprosy filosofii*, n. 12, p. 129-140 (1972) e em inglês no livro *Filosofia na URSS: Problemas do Materialismo-Dialético* (Moscou, 1977, p. 180-202). Disponível em: Marxists Internet Archive [<http://www.marxists.org/>].

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LURIA, A. R. **The nature of human conflicts: or emotion, conflict and will**. New York: Liveright Publishers, 1932.

MARX, K. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. **El instrumento y el signo em el desarrollo del niño**. MADRID: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007.

VYGOTSKI, L. S. Genesis de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKY, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Escogidas, Tomo III. Madri: Visor, 1995a, p. 139-160.

VYGOTSKI, L. S. Dominio de la propia conducta. In: VYGOTSKY, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Escogidas, Tomo III. Madri: Visor, 1995b, p. 285-302.

VYGOTSKI, L. S. Paidología del Adolescente. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas, Tomo IV**. Madri: Visor, 2006.